



POR RODRIGO CRAVEIRO

Yerevan, Tatev, Noravank, Garni, Khor Virap, Geghard, Khndzoresk. É impossível retornar da Armênia e não se recordar de cada lugar com carinho. Sentir uma palavra genuinamente brasileira: saudade. Cada canto do pequeno país incrustado no Cáucaso, entre a Europa e a Ásia, transpira — e inspira — fé, misticismo e devoção. O berço do cristianismo no mundo possui nada menos do que 2 mil igrejas, muitas delas erguidas poucos séculos depois de Cristo.

Um dos principais símbolos da Armênia, o Monte Ararat, se impõe, quase que onipresente, com seus 5.137m de altura. Naquela montanha, segundo o *Livro do Gênesis*, a arca construída por Noé, a pedido de Deus, ficou encalhada depois de 40 dias e 40 noites de chuvas que inundaram o planeta por cinco meses. Hoje, o Ararat parece tão perto e tão distante do povo armênio: há 100 anos, passou a integrar o território da Turquia, depois do genocídio perpetrado pelo Império Otomano entre 1915 e 1921 — uma ferida aberta no seio de uma nação que anseia viver em paz e que ainda sofre agressões de vizinhos.

Yerevan, a capital das artes

Um bom ponto de partida para conhecer a Armênia é a capital, Yerevan. Com cerca de 1 milhão de habitantes — um terço da população

Obra do colombiano Fernando Botero exposta diante do Complexo Cascade, mistura de jardim suspenso e galeria de arte



do país —, a cidade tem o charme das metrópoles europeias com uma vantagem: a segurança. É tradição dos armênios caminhar pelas calçadas, em grupos de amigos ou em família, em busca dos excelentes restaurantes ou de apresentações de ópera e teatro.

Ao cair da noite, os prédios históricos da Praça da República, no coração de Yerevan, ganham uma iluminação especial. Um dos edifícios guarda o brasão nacional com a foice e o martelo dos tempos de União Soviética apagados. Um sinal de que foi preciso abandonar o passado para forjar um futuro de prosperidade e desenvolvimento.

Quem vai a Yerevan não pode deixar de conhecer o Cascade, uma mistura de jardim suspenso em cinco terraços, em forma de escadarias, e de galeria de arte. Ao fim dos 572 degraus, é possível ter uma vista de tirar o fôlego do Ararat se erguendo sobre a cidade. Concebido pelo arquiteto Alexander Tamanyan (1878-1936) e finalizado pelo também arquiteto Jim Torosyan (1926-2014), o Cascade também é uma conexão entre a área alta, basicamente residencial, e a região central da capital. As peças de arte expostas no interior do Cascade, e acessadas também por meio de uma escada rolante, fazem parte do acervo do filantropo armênio Gerard Cafesjian (1925-2013).

Na pequena esplanada diante do Cascade, podem ser admiradas esculturas do colombiano Fernando Botero. Caminhar pelas ruas da capital é um convite a se surpreender. De repente, surgem estátuas magníficas, como a de um homem imenso sentado sobre uma árvore, no meio de um parque, onde se destaca o som de corvos, ou um busto em pedra sabão de Martiros Saryan, um dos maiores pintores armênios. Durante a caminhada, é possível saciar a sede em muitas fontes de água fresca e potável, as *pulpulaks*, parte da cultura armênia.

Falar sobre Yerevan também é lembrar do cantor franco-armênio Charles Aznavour (1924-2018) e da banda de metal System of a Down. Em 23 de abril de 2015, o vocalista Serj Tankian liderou um concerto histórico, diante de 50 mil pessoas, na Praça da República. No centenário do genocídio armênio, a música escolhida para a abertura do show — *Holy Mountains* — faz menção ao Monte Ararat e à invasão otomana.

Conhecer Yerevan também exige frequentar restaurantes e apreciar a comida armênia, com destaque para o *mante* — pequenas bolas de carne de boi ou de carneiro servidas em um molho de iogurte —; *dolma*, semelhante ao charuto, mas com arroz, legumes e carne embrulhados em folha de videira; *lavash*, espécie de pão-folha, muito famoso no país; e o *gata*, pão feito com castanhas e iogurte armênio.